

EDITORIAL

Céline Veríssimo

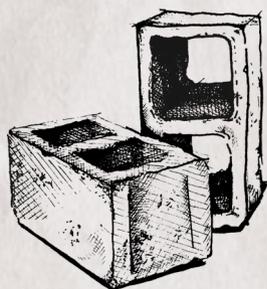
¡DALE! / UFBA, MALOCA / UNILA, PPGPPD e CAU / UNILA, DAMG / UPT

João Soares Pena

¡DALE! / UFBA, MPBA

Murad Jorge Mussi Vaz

DEAAU / UTFPR, ¡DALE! / UFBA, MALOCA / UNILA



Cidades africanas: cidades e arquiteturas na África

Qual é o impacto das histórias e das múltiplas contribuições africanas e afrodiaspóricas nas práticas socioculturais, simbólicas, técnicas, epistemológicas e ontológicas nos mais variados campos de saber, imbuídas nas noções de tempo, espaço, território, paisagem, arquitetura, arte e lugar nas cidades do continente africano, na América Latina, Caribe e no mundo? Organizamos este dossiê temático sobre cidades africanas precisamente porque estas contribuições têm sido historicamente obliteradas, invisibilizadas e apagadas através de relações de colonialidade, entre as quais o racismo é a mais onipresente (QUIJANO, 1999). Neste sentido, como rever as teorias urbanas que regem a práxis dominante (DELGADO; RUIZ, 2014), permitindo que as linhas abissais, que dividem a zona do ser da zona do não ser (FANON, 2020), desnudadas por Boaventura de Sousa Santos (2007), sejam tensionadas, evidenciadas e, em última instância, rompidas?

As questões acima constituem-se em múltiplas intersecções nascidas da invisibilização e do apagamento de saberes pelo epistemicídio infligido historicamente pelas epistemologias do norte (SANTOS, 2007; CARNEIRO, 2005) que corroboram, estruturam e perpetuam a herança colonial do racismo que, entre suas múltiplas manifestações, confronta-se e conforma-se no espaço urbano e arquitetônico, nos territórios, espaços e lugares de exclusão, segregação e violência nos dias de hoje e em todas as partes do mundo. No entanto, essas questões são contrapostas por resistências e insurgências, bem como, utopias, sonhos e transições. Anibal Quijano explica que *"la idea de raza es, con toda seguridad, el más eficaz instrumento de dominación social inventado en los últimos*

LAJE

n. 1
p. 24-35
2022

ISSN: 2965-4904

500 años” (QUIJANO, 1999, p. 141), encontrando-se subjacente às múltiplas hierarquias da universalidade de um só mundo no pensamento ocidental moderno. Assim, tudo o que foge da hegemonia branca heteronormativa eurocêntrica gera na sua gênese os conflituosos dualismos: natureza-humano; brancos-não brancos; homem-mulher; sul-norte; pobres-ricos; campo-cidade; legalidade-ilegalidade; centro-periferia; cidade formal-cidade informal, entre muitos outros que corrompem e destroem mundos outros. Sem dúvida, o caminho para a decolonização passa por eliminar a modernidade-colonialidade para um futuro pluriversal, “um mundo onde caibam outros mundos”, segundo o movimento Zapatista, onde os outrora oprimidos construiriam alianças políticas de luta entre si para celebrar a diversidade da vida.

Buscando ampliar o debate Sul-Sul e a potencialidade em se aprender a partir de outras formas de ser urbano e de constituir espaços e lugares, para além do paradigma hegemônico ocidental, em 2020 iniciamos este dossiê que se apresenta composto por três números: *I. Cidades e arquiteturas na África*; *II. Cidades e arquiteturas afrodiaspóricas*; e *III. Emergências*. No primeiro e no segundo, as temáticas versam sobre o patrimônio arquitetônico, paisagístico e urbano, transversalizadas em cidades no continente africano e na diáspora, respectivamente, enquanto que o terceiro número observa mais de perto os contornos urbanos nas suas insurgências e emergências na luta contra as violências racistas, capitalistas e patriarcais da modernidade-colonialidade. Os três números, inevitavelmente, dialogam entre si e manifestam-se por complexos, diversos e dinâmicos contextos, procurando memórias, reflexões e comunalidades que nos possibilitem aprender a partir das zonas do não ser (FANON, 2020) que se situam do outro lado da linha abissal e mostram-nos caminhos para um futuro pós-abissal.

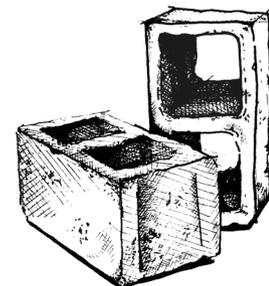
Na modernidade-colonialidade, a presença negra nas cidades é obliterada e violentada pelo racismo estrutural. As cidades constituem-se por diversas camadas que se sobrepõem, resultado de acúmulos culturais ao longo do tempo. Para além de sua materialidade, as cidades também são formadas por aspectos imateriais, por práticas culturais que configuram territorialidades. Entretanto, há uma questão central em nossa sociedade que também é um agente de produção do espaço urbano, definindo elementos e sujeitos que têm sido sistemática e historicamente apagados no tecido urbano. No caso do Brasil, o país que, fora de África, conta com a maior população afrodescendente, o racismo tem definido, portanto, a conformação das cidades e suas dinâmicas. Apesar da grande influência e da importância da cultura negra para a própria constituição do Brasil, o processo de embranquecimento da população, entre finais do século XIX e começo do século XX, também se refletiu na cidade, ou melhor,

na ideia de cidade moderna almejada. Quando não suprimidos pela expansão urbana, como no caso dos terreiros de candomblé que têm perdido suas áreas na natureza, espaços ocupados pela população negra e marcados pela cultura afrodiaspórica são marginalizados e, frequentemente, criminalizados.

Indo além dos espaços físicos e lugares, a contribuição social, cultural e simbólica africana e afrodiaspórica tem sido, historicamente, desconsiderada desde os discursos oficiais até a produção de teorias e conhecimentos acadêmicos. A presença negra é, então, resultado de movimentos de resistência e sobrevivência que, ao longo do tempo, têm sido decisivos não só para a permanência dessa população em determinados espaços da cidade, mas também para a continuidade de sua produção cultural contemporânea, onde quer que ela se manifeste.

Trazemos para o debate os principais apontamentos, redefinições, questões teóricas e metodológicas, nos quais participaram mais de 30 autores e autoras das Américas, da África e da Europa. O ponto central deste dossiê foi, primeiramente, expandir a discussão sobre as cidades africanas e afrodiaspóricas e fazer circular ideias e práticas espaciais sob o olhar de autores e autoras, maioritariamente de origem africana. Partimos, indubitavelmente, de uma perspectiva decolonial urgente para ampliar a discussão sobre a questão racial na (re)produção de arquiteturas, campos e cidades, uma vez que, mesmo no giro decolonial, ainda nos parecem insipientes os vínculos com África e com as questões afrodiaspóricas. Ademais, também queremos contribuir para preencher a lacuna nos estudos decoloniais no que concerne às análises espaciais, territoriais e arquitetônicas da modernidade-colonialidade.

Este **Dossiê cidades africanas – Volume 1: Cidades e arquiteturas na África** que se apresenta neste primeiro número da *Laje*, reúne um conjunto de entrevistas, artigos, uma resenha e um ensaio a partir das cidades e territórios no continente africano, com implicações a serem interseccionadas com os demais territórios da diáspora negra. Além de obras originais, este volume conta com importantes textos pela primeira vez traduzidos para o português.¹ A partir das perspectivas apresentadas pelos autores e autoras, noções e conceitos como cidade, centro-periferia, territórios e lugares são tensionados. Isto permite que outras dimensões advindas dos variados contextos africanos contestem a continuidade e a hegemonia das epistemologias do Norte que ainda se perpetuam nas instituições, na produção de conhecimento e nas ações que incidem sobre e a partir das nações a serviço do capitalismo, do patriarcado e do colonialismo que caracterizam a modernidade-colonialidade.



Este número inicia com a seção **“entrevistas”**. A primeira delas, sob o título **“Decolonizar a educação em arquitetura, superando capital, raça e gênero com generosidade”**, teve lugar em fevereiro de 2020, num café do Harlem, Nova Iorque, durante o qual Céline Veríssimo, professora da UNILA, pesquisadora do IDALE! / UFBA e do MALOCA / UNILA, convida a arquiteta ganesa-escocesa Lesley Lokko, diretora do African Future Institute, Acra, Gana e professora visitante na Escola de Arquitetura Bartlett, University College London, a discutir o papel tanto da disciplina quanto da profissão de arquitetura e urbanismo face à hegemonia ocidental e à universalidade e à sua tradição elitista (que rege tanto nossas práticas quanto nossas formações), partindo das suas experiências em África, na Europa e nos EUA. Conforme Lesley Lokko, as escolas, “neste momento, são a estratégia chave para a mudança,” sendo que a educação, para além de pensar o mundo, é, acima de tudo, uma forma de transformá-lo”. Em suas reflexões, Lesley Lokko nos incita a pensar sobre a importância da imaginação, discutindo questões centrais como a legitimação de conhecimentos subalternos, o currículo escolar e os cânones ocidentais, as questões epistemológicas e culturais e o reconhecimento da potência das e dos estudantes que, historicamente, vieram de contextos que foram subalternizados.

Na segunda entrevista, **“A práxis errante e a multiplicidade das arquiteturas africanas”**, conduzida em videoconferência no ano de 2021 por Andréia Moassab, professora do CAU / UNILA e líder do Grupo de Estudos MALOCA, à arquiteta cabo-verdiana Patti Anahory, da plataforma Storia na Lugar/Cabo Verde e docente da Columbia University/EUA, discute criticamente tanto a formação acadêmica quanto a prática profissional em arquitetura, através de uma narrativa franca e direta, partindo da sua trajetória pessoal como arquiteta mulher africana. Desde sua formação, nos EUA, até sua prática profissional como arquiteta e docente, além de diretora do Centro de Investigação em Desenvolvimento Local e Ordenamento de Território (CIDLOT) da Universidade de Cabo Verde, Patti Anahory tem proposto “um alargamento da compreensão de arquitetura e tensionar, propositadamente, algumas das limitações e insuficiências do ensino na área”, através de intervenções artísticas que ela denomina de uma “práxis errante.” Nas suas respostas e reflexões, Anahory discorre sobre a sua resistência às narrativas dominantes hegemônicas, na busca por desracializar, ressignificar e empoderar os sentidos, noções e práticas a partir do continente africano.

Encerramos esta seção na forma de retrospectiva e balanço do ensino de arquitetura e urbanismo em Moçambique, com a entrevista intitulada **“Ensinos e práticas em arquitetura, urbanismo e território em Moçambique”**, realizada em 2020, por

e-mail por nós, Céline Veríssimo, João Soares Pena e Murad Vaz, junto ao arquiteto moçambicano Luís Lage. Ele explica-nos - através da sua trajetória pela arte, arquitetura, urbanismo e território, da cidade de Lourenço Marques colonial à Maputo independente, passando pela cidade de Roma e a Ilha da Juventude em Cuba -, o panorama atual da formação acadêmica no país, a partir da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico na Universidade Eduardo Mondlane. Luís Lage reflete sobre os desafios que envolvem a profissão, da formação à prática, e como a dimensão do território é fulcral para Moçambique. A entrevista mostra-nos que a independência de Moçambique ainda é muito jovem e o quanto é difícil sair das amarras da hegemonia eurocêntrica e da herança colonial. No entanto, a esperança e o otimismo estão por detrás do seu cotidiano de trabalho, levando a universidade para as ruas e os bairros de Maputo, por meio do projeto de assistência técnica Kaya Clínica e das parcerias tanto com comunidades locais como com universidades do hemisfério norte.

Seguidamente, a seção **"artigos"** se inicia com o texto **"A vida urbana emerge na África"**, do historiador estadunidense radicado na África do Sul, Bill Freund, falecido em 2020, que dedicou a sua vida à história urbana em África. Trata-se da tradução póstuma e primeira tradução da sua obra para português, realizada por Ana Mazzoline e Céline Veríssimo.. Este texto faz a introdução do livro *The African city: a history* publicado em 2007 e é, desde então, um marco sobre a história das cidades na África. Neste artigo, Bill Freund defende e mostra que a urbanização africana tem origem pré-colonial, desconstruindo o mito de que cidade é uma invenção europeia, acrescentando, ainda, que "África é o cenário ideal para estudar os primórdios da urbanização". O autor segue explicando a gênese sagrada da cidade africana pré-colonial, cuja importância superava de longe a dimensão econômica. Freund nos dá uma ideia das cidades nas várias regiões do continente, desde antes dos faraós do antigo Império Egípcio até o séc. XX, com base numa rica e crítica informação obtida de várias fontes e de variadas épocas: embora na sua maioria de autores europeus, inclui importantes autores africanos, aborda muitas questões e reforça que o futuro das sociedades e das culturas africanas provavelmente passará muito pelas cidades.

Dando sequência à história das cidades africanas, o artigo **"Cidades africanas em 6000 anos de africanos construindo cidades: rupturas conceituais e paradigmáticas"**, do autor brasileiro Henrique Cunha Junior, professor visitante do PPGAU/UFBA, parte do pressuposto de que os referenciais ocidentais são inadequados para o estudo e a compreensão das cidades africanas, para propor uma mudança no eixo conceitual e na metodologia que regem os estudos sobre história das cidades, ainda de cariz

eurocêntrico. O autor, portanto, traz um debate crítico a partir da ampla pesquisa que vem desenvolvendo sobre a formulação do urbanismo e da compreensão das cidades africanas, contemplando um período de 6000 anos. Neste espectro, suas reflexões são amparadas em princípios societários africanos, tendo como base a filosofia e a religiosidade das sociedades africanas.

Adiante, a autora angolana Ângela Mingas, discute os impactos da invasão portuguesa na configuração urbana de Angola, argumentando que esta é anterior à chegada dos colonizadores. No seu artigo "**Cidades em Angola: entre o conflito de urbanidades e a necessária mudança de paradigma**", a autora, arquiteta e professora da Universidade Lusíada de Angola, defende esta tese com foco na cidade de Luanda, destacando o tráfico de africanos, a mão de obra escrava no país e a segregação urbana decorrente da racialização do período colonial, ainda visível na paisagem urbana. Nesse contexto, os *musseques* - bairros negros que constituem a maior parte do edificado de Luanda e divergem do padrão urbanístico colonial -, têm sido objeto de projetos de erradicação e higienização da cidade. Mingas, ainda, evidencia a disparidade na ocupação urbana de Luanda entre negros e brancos, entre centro e periferia, e aponta a necessidade de mudança de paradigma, a partir de um urbanismo de gênese africana inspirado na dinâmica dos *musseques*. Tal aproximação faz-se fundamental para repensar os processos de urbanização no país para que as intervenções urbanas incluam esses bairros em vez de eliminá-los.

Dedicado aos efeitos do regime do apartheid em espaços urbanos racialmente segregados, o artigo "**O desenvolvimento urbano do apartheid**", da arquiteta sul-africana Malindi Neluheni, foi traduzido por Hugo Tomás e Céline Veríssimo, pela primeira vez do inglês para o português para este número, obtido do memorável livro *White papers black marks: architecture, race, culture* de 2000, organizado pela arquiteta ganesa-escocesa Lesley Lokko, também aqui entrevistada. A autora parte de uma análise crítica sobre a segregação racial e espacial do apartheid, com a duplicação de serviços e equipamentos: correios, escolas, mercados etc., com sinais sobre quem podia utilizar o espaço e onde. Publicado poucos anos depois da abolição do apartheid, com a eleição de Nelson Mandela em 10 de maio de 1994, Malindi Neluheni mostra-nos que o espaço foi a ferramenta mais eficaz do regime e indica o "espaço do descontentamento" como seu legado no longo caminho por fazer, para uma efetiva reconciliação entre brancos e negros na África do Sul. Para tal, Neluheni analisa dois estudos de caso, um na África do Sul e outro nos EUA, a partir dos quais elabora uma proposta para um novo urbanismo na "nova" África do Sul, dando particular enfoque na educação em geral e na educação em arquitetura e urbanismo muito em particular.

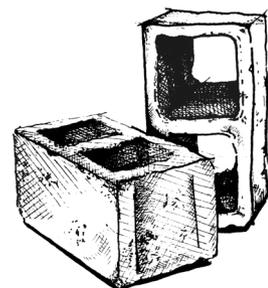
A seção de artigos segue com o texto **“Ler a arquitetura das classes desprivilegiadas”**, de autoria de Nnamdi Elleh, arquiteto nigeriano e professor da Universidade de Witwatersrand. O texto foi traduzido por Céline Veríssimo, pela primeira vez do inglês, a partir do seu livro *Reading the Architecture of the Underprivileged Classes: A Perspective on The Protests and Upheavals in Our Cities*, publicado em 2014. Elleh expõe as periferias urbanas como sintomáticas e emergentes do urbanismo do princípio do século XVIII, por todas as partes do mundo, como resultado da revolução industrial europeia. Assim, o autor entende que a periferização está na gênese do urbanismo moderno até os dias de hoje, cujas casas são convencionalmente chamadas de precárias, barracos e insalubres. Elleh refuta este conceito argumentando que os edifícios e bairros autoconstruídos por pessoas que não têm acesso a serviços de arquitetura e materiais construtivos modernos evoluíram até hoje além dos ditames da arquitetura modernista, bem como da arquitetura vernacular. Mais ainda, demonstra como o ensino e a profissão de arquitetura reforçam estereótipos sociais, assentes em discriminação de classe, raça e gênero, quando não arquitetos/as com poucos meios econômicos constroem as suas próprias casas. Mostra-nos também como esta profissão sempre se beneficiou, a serviço do capital, de renovar e erradicar bairros que são considerados econômica e socialmente desafiantes. Elleh conclui, defendendo que os assentamentos espontâneos são efetivamente produções arquitetônicas e urbanísticas modernas e contemporâneas contra-hegemônicas.

Encerrando a seção “artigos”, Luís Almeida traduziu para português o texto **“Refazendo cidades africanas”**, que apresenta o livro de 2004 *For the City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities*, de autoria do célebre AbdouMaliq Simone, atualmente professor da Universidade de Sheffield, que se dedica há mais de vinte anos ao estudo das cidades africanas como ativista, professor, pesquisador e assessor de ONGs e governos locais. O autor mostra-nos as nuances, obscuridades e criatividade por detrás da vida urbana das várias Áfricas e elabora uma análise crítica ao sofrimento e injustiças da vida urbana. Simone contesta a visão convencional de “cidades falhadas”, argumentando que a compreensão dos centros urbanos em África passa por conhecer as origens históricas de cada cidade em particular e, não menos importante, também conhecer de perto os saberes locais, que são fortemente imbuídos na cultura, que se refletem nos sistemas sociais, econômicos e políticos “informais” que dão vida e forma às cidades.

Na seção **“ensaio”**, apresentamos o trabalho visual **“Caminhos tecidos”**, das artistas moçambicanas Wacy Zacarias e Djamila de Sousa, que debatem, através de uma

perspectiva crítica, porém extremamente sensível, como a história dos têxteis em África no geral, e em Moçambique em particular, representa as múltiplas intersecções culturais, geográficas, simbólicas e cotidianas traduzidas a partir do universo feminino. A partir de uma reapropriação, tanto da produção quanto das narrativas vinculadas às capulanas², as autoras enfrentam a violência de gênero que se perpetua sob relações de colonialidade, ressignificando os tecidos como "narrativas de cura" que constroem legados em novas histórias, nas dimensões da valorização de conhecimentos e histórias próprias.

A seção "**resenha**" encerra este primeiro número deste dossiê *Cidades africanas*. Aqui, ao autor português David Viana, das Universidades do Porto e Portucalente, coube a tarefa de resenhar o livro *The History of African Cities South of the Sahara: From the Origins to Colonization*, da renomada historiadora francesa Catherine Coquery-Vidrovitch, que faz uma importante discussão sobre as cidades e a urbanização africanas. Na resenha "**Aprendendo com as cidades africanas**", Viana descreve como o livro evidencia a necessidade de compreender os diversos períodos da história das cidades africanas, sem reduzi-las ao processo moderno-colonial. Além disso, ressalta a complexidade de atores e processos que configuram as cidades africanas, articulando a história urbana da África à história do próprio continente, levando em conta os distintos contextos culturais, geográficos, políticos, econômicos, entre outros, ao longo do tempo e do espaço. Por fim, Viana afirma que ao aprendermos sobre a história das cidades africanas, aprendemos muito sobre o passado, o presente e o futuro da urbanização *per se*.



Esperamos que as discussões empreendidas neste primeiro número de *Cidades africanas* contribuam não apenas para fortalecer as relações entre América Latina e África no âmbito do giro decolonial, mas também para ampliar o repertório dos campos da arquitetura, do urbanismo e dos estudos urbanos de modo geral acerca das questões urbanas na África para leitores da comunidade lusófona. Especialmente no caso do Brasil, onde a circulação do conhecimento produzido por pesquisadores/as e intelectuais africanos e africanas sobre a cidade e o urbano é escassa, os textos aqui reunidos abrem outras possibilidades de compreensão da complexidade, da diversidade e da riqueza das cidades africanas. Acima de tudo, os textos demonstram o caráter inovador e sofisticado que as cidades africanas apontam, revertendo milhares de anos de saque e violência predatória, que além de ensinar-nos sobre estratégias, dinâmicas e valores para a diversidade, a equidade e a inclusão. Indubitavelmente, os três volumes que compõem este dossiê colocam África e a sua diáspora no epicentro

contra-hegemônico do pensamento e da práxis da humanidade sobre espaço, território e vida, de todos os povos subalternizados pela modernidade-colonialidade a caminho de "um mundo onde caibam outros mundos" (mote Zapatista), uma vez que na gênese da filosofia Ubuntu a vida é "sermos-com-os-outros".

Referências

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FARRÉS DELGADO, Yasser; MATARÁN RUIZ, Alberto. Hacia una teoría urbana transmoderna y decolonial: una introducción. **Polis**, v. 13, n. 37, p. 339-361, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682014000100019>. Acesso em: 14 maio 2022.

QUIJANO, Aníbal. ¡Qué tal raza! **Ecuador Debate**, n. 48, p. 141-151, 1999. disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/5724>. Acesso em: 11 maio 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBr-gc/?lang=pt>. Acesso em: 16 maio 2022.

Notas

1 Para os textos do dossiê, optamos por acolher as diversas formas do idioma português, respeitando as diferenças e particularidades das maneiras como é escrito nos diversos países da comunidade lusófona.

2 *Capulana* é o termo na língua tsonga usado em Moçambique para chamar o pano que, tradicionalmente, as mulheres vestem à volta da cintura como saia, vestido e na cabeça, emoldurando o rosto.

